

# A função editorial na &etc de Vitor Silva Tavares: escolhas, afinidades e protagonismos em matéria de publicação de autores estrangeiros

The publishing function at Vitor Silva Tavares' &etc: choices, affinities, and dynamics regarding the publication of works by foreign authors

EMANUEL CAMEIRA\*

PALAVRAS-CHAVE: &etc, Editor-criador, Catálogo, Autores estrangeiros, Arquivo.

KEYWORDS: &etc, Publisher-creator, Catalogue, Foreign authors, Archive.

Se é verdade que à recrudescente legitimidade simbólico-cultural da figura do Editor vem acoplada a seguinte condição – «editar [...] consiste não somente no encargo de identificar e isolar subculturas do gosto, mas também no incentivo ao aparecimento ou modificação dessas mesmas subculturas» (Herbert Gans *apud* Medeiros, 2009a: 133), lembre-se de antemão que a constituição dessa «aliança objectiva» (Durand / Glinoyer, 2005: 23) que estruturou o panorama literário moderno, o sistema moderno de produção do livro, composta pelo *Editor*, dotado de uma função social e simbólica específica<sup>1</sup> (Baudet, 1986: 7), e pelo *Autor*, duas faces da mesma moeda, obriga a que se pense, para o caso aqui sob foco – a histórica &etc<sup>2</sup> de Vitor Silva Tavares (1937-2015) –, como

\* Instituto de História Contemporânea – Universidade Nova de Lisboa – FCSH (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).

<sup>1</sup> «Précisions d'emblée que par "fonction", en l'occurrence éditoriale, il conviendra d'entendre non pas seulement le rôle pratique assumé par l'éditeur dans la publication d'un ouvrage, mais bien plutôt son rôle social au sein du système de production du livre (et, par conséquent, de la littérature), autrement dit la figure symbolique à laquelle, sous certaines conditions historiques et morphologiques, l'agent éditorial a été amené à s'identifier. [...] Le mot d'*éditeur*, pour désigner l'agent qui assure le montage financier, la supervision technique et la publication d'un ouvrage à son enseigne, sinon même, en amont, la conception de cet ouvrage, ne se rencontre guère avant les débuts du XIX<sup>e</sup> siècle» (Durand / Glinoyer, *ibid.*: 19).

<sup>2</sup> Não um caso qualquer. O afastamento reiterado da vertente mercantil, o regresso a certas formas de artesanía e saber, o eclectismo das linguagens artísticas que congregou, a centralidade na afirmação de expressões marginais e de determinados grupos estéticos

se procurou pôr em prática aquela mesma função, à qual subjaz, historicamente, um estatuto e um valor profissional colectivos. Mais particularmente, e dando por assente «that the singularity of each publishing house comes through in the way that its publisher designs and performs its activity and the idiosyncrasies of its authors and works» (Cameira, 2020: 17), o que explica a escolha de vários dos textos em língua estrangeira que a &etc traduziu e deu a conhecer, em primeira mão, ao público leitor português? Não duvido de que para responder a esta questão é necessário ponderar, dentro daquilo que foi o arco de actuação do editor em causa, uma soma ou confluência de diferentes olhares, conhecimentos, de diferentes partilhas que acabaram desaguando no catálogo da editora. Vitor Silva Tavares situara-se culturalmente, e nem sempre terá estado sozinho a fazer a “programação” da &etc (as aspas na palavra programação não surgem por acaso – nos tempos em que esteve à frente da Ulisseia (1964-1968), aí sim, a sucessão de títulos pressupôs um planeamento mais flagrante, por vezes com alguns meses de antecedência, graças às condições objectivas, financeiras da empresa, com trabalhadores a cargo, com uma actividade a funcionar na dependência de um determinado volume de facturação, de fluxos de transferência de dinheiro (débitos e créditos), mas também porque se tratava de uma estrutura com uma identidade já construída, com um ritmo próprio de edições, organizadas em colecções pré-formatadas, realidade que Silva Tavares nunca quis desvirtuar).

Ora a &etc, neste aspecto (inspirada caseiramente por um fazer editorial como o de Luiz Pacheco, na Contraponto, ou Mário Cesariny, n’A Antologia em 58 – e também influenciada, sim, pela natureza contestatária, pelo forte apelo visual das Edições Afrodite (a genealogia de editores que Luiz Pacheco estabeleceu em 1976,<sup>3</sup> pondo numa linha de continuidade os projectos da Contraponto, da Afrodite e da &etc, revelava já semelhante entendimento, o que muito terá contribuído para um certo retrato mítico de Vitor Silva Tavares, para a sua construção social como editor *à margem*, o *Galimar* [sic] *da Rua da Emenda* –, inspirada a &etc, dizia eu, por esse modelo de referência ética e estética («porque é rigor estético o jogo em que se tenha [...] [de] desarmonizar

(realce-se, por exemplo, a ligação inicial a uma particular vaga do surrealismo português) ou o carácter de pólo espoletador de outras editoras constituem alguns dos traços de uma &etc absolutamente ímpar, susceptível de interpelar as sociologias da cultura e da edição (*vd.*, a este respeito, Cameira, 2020 e 2013).

<sup>3</sup> No *Diário Popular* de 26 de Fevereiro (texto que seria republicado em 1979, num dos volumes de *Textos de Guerrilha*).

o Mundo» – Areal, 1970: 166-167) que caracterizou a experiência daqueles dois, Pacheco e Cesariny, incorrendo numa versão personalizada do trabalho de edição, prezando uma visão artesanal do *métier*, pugnando por um princípio de intervenção cultural que não subordinava a publicação das obras a imperativos de rentabilidade comercial – «enfin l'éditeur étant un lecteur avant tout, il construit souvent son catalogue sur sa bibliothèque personnelle qu'il désire voir ouverte aux autres, [...] une conception de l'édition reposant sur une éthique de la littérature et du goût en matière de textes» (Corpet / Wagneur, 1991: 110) –, manteve-se aberta ao improviso, ao acaso, ao aparecimento repentino de um dado texto que, se logo entusiasmava o editor (o critério mais subjectivo do gosto,<sup>4</sup> aqui, orientando convicções em termos do que tornar acessível à leitura), consistia na próxima matéria a transformar em livro. Em traços genéricos, a escolha do que editar não deixou também de derivar do conhecimento literário adquirido por Vitor Silva Tavares (de maneira autodidacta ou através do convívio com outros parceiros de sociabilidade), do interesse simplesmente estético, crítico ou provocatório que viu na divulgação deste ou daquele autor. Nomes e referências haviam ficado das tertúlias onde marcou presença (com António José Forte, Virgílio Martinho, Ernesto Sampaio, Luiz Pacheco, Ribeiro de Mello, Ricarte-Dácio de Sousa,<sup>5</sup> Eduardo Guerra Carneiro...), encontros que funcionaram como lugar para a sua auto-socialização electiva, por via das preferências, cumplicidades intelectuais que outros (seus amigos vários deles) para aí canalizaram (uma particular «sensibilidade empática» – Martuccelli, 2006: 307; um «mesmo código de entendimento»),<sup>6</sup> tudo culminando numa amálgama de «discussões esdrúxulas, ortodoxias e heterodoxias em processo sumário, metalinguagens neófitas, ginásticas da utopia buscando espaço numa Lisboa sob ocupação»,<sup>7</sup> não sem interlocuções sobre edições e editores estrangeiros também, com eficácia ao nível das decisões editoriais a tomar. A possibilidade de aceder ao arquivo do editor (Cameira, 2020) – uma nota: tal como sucedeu com Arlette Farge, «les choses se sont

<sup>4</sup> Gostar de dado original podia ser suficiente para o publicar, procedimento válido ao longo de toda a existência da editora (já o mesmo nem sempre ocorreu enquanto dirigiu a Ulisseia).

<sup>5</sup> Nomes a que se poderiam acrescentar os de José Cardoso Pires ou Luís Pignatelli. Veja-se por exemplo a enumeração de alguns frequentadores de tertúlias a que procede Zetho Cunha Gonçalves (na nota biográfica acerca de Pignatelli, escrita para *Obra Poética 1953-1993* – &etc, 1999, p. 9).

<sup>6</sup> Virgílio Martinho, «Palavras sobre um poeta» (1991).

<sup>7</sup> «O meu Virgílio», p. 1 (dactiloescrito de Vitor Silva Tavares – Arquivo &etc).

imposées à moi dans les archives. Il y a des choses qui s'imposent à vous quand on fait des recherches. Et puis ensuite peut-être qu'effectivement ceci puisse se construire mentalement, intellectuellement autour d'un non-académisme, d'un refus du linéaire et de convictions personnelles» (Parent, 2004: 148) –, de consultar alguma da sua documentação pessoal (atente-se na carta que se segue, endereçada pelo surrealista Ricarte-Dácio a Silva Tavares),<sup>8</sup> permitiu-me perceber melhor como, pelo menos numa primeira fase da editora (a considerar até ao início da década de 1990, fundamentalmente até ao afastamento de Paulo da Costa Domingos, já depois do de Aníbal Fernandes),<sup>9</sup> alguns dos amigos ou habituais convivas de Vitor Silva Tavares («Mano Victor», essa a forma de tratamento utilizada por Dácio) terão funcionado enquanto verdadeiros coadjuvantes em matéria editorial (incluo nesse grupo Paulo da Costa Domingos e Aníbal Fernandes), não raro fazendo informalmente as vezes do que se convencionou chamar comité de leitores<sup>10</sup> ou serviço de aconselhamento literário, com lugar no organigrama doutras editoras, isto é, chegando inclusive a recomendar títulos para eventual publicação – *Inferno*, de August Strindberg, *Biribi*, de Georges Darien, ou *O Parasita ou o Papa-Jantares*, de Luciano de Samósata (editado em meados de 1981) são propostas e traduções de Aníbal Fernandes; dois anos antes, em 1979, a edição d'*A Fome de Camões*, de Gomes Leal, aconteceu por indicação de Herberto Helder, outro exemplo de uma prática que marcava o dia-a-dia do editor, feita destes encaminhamentos intelectuais, aproveitando a proliferação de ideias (de edição, de tradução) avançadas em inúmeras conversas, nas quais, muitas vezes, se defendia o que era importante dar a ler; desfeitas progressivamente as tertúlias/congregações de café (à volta desses dois centros da cidade constituídos pela Baixa e pelo Saldanha, para onde habitualmente convergiam escritores, jornalistas, dirigentes associativos...) e quebradas as ligações de Aníbal Fernandes e de Paulo da Costa Domingos com a &etc (ligações essas que conviveram no tempo), dá-se uma natural mudança de tónus da editora, passando Silva Tavares a ficar mais dependente dele próprio no exercício da função editorial.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> Enviada de Armação de Pêra, com data de 08 de Outubro de 1974 (Arquivo &etc).

<sup>9</sup> Em meados da década anterior.

<sup>10</sup> Sobre os «leitores profissionais» como instância de selecção/apreciação, leia-se Serry, 2012.

<sup>11</sup> Todavia, justifica-se o seguinte reparo: a partir dos anos 90, Rui Caeiro, além de desempenhar pontualmente o papel de leitor de originais («Rui, lê – e opina»; «Já li. Os poemas que têm cruz foram os que ele [autor] reviu por sugestão minha. E fiz algumas (poucas) sugestões. Aguardam-se mais») – notas deixadas por Vitor Silva Tavares e Rui Caeiro um ao outro, anexadas a dactiloscritos entregues na editora para publicação –

Mano Victor

Junto te mando o «Jugement de Dieu»<sup>12</sup> de Artaud. Aqui há uns dois anos em Paris, ouvi na Rádio uma gravação deste texto feita e lida pelo Grande Mago pouco antes de morrer, numa voz de arrepios (modulações e uivos lancinantes) dando-me medonha insónia. Tenho a certeza que o «Jugement» era (é) a sua própria carne. Lembro-me também que Roger Vitrac então ainda vivo (1947 ou 48) disse belíssimas palavras sobre Artaud antecedendo a famosa «leitura». Do homem do «Victor où les enfants au pouvoir» desenterrei uma estupenda joia de prosa poética, por ele escrita em 1926 e «ignorada» sistematicamente por toda a gente lá e cá. Talvez um dia para as edições ETC...

Belas notícias me deste sobre a tua conversa com o Nelson. Vamos ao que parece poder lançar granadas (algumas) sem perigo de ruína financeira.

AO ATAQUE.

Como te disse consegui arrancar o Blake do fundo de quase mil livros armazenados nos fins dum armazém, perdido algures no Poço Bispo. Poderás fazer o favor de

Arquivo &etc), também actuou como emissor de ideias. Exemplos: é por sugestão sua que Silva Tavares publica, ainda em 1988, Henri Michaux, o texto *Nós Dois Ainda*, transposto para português pelo próprio Caeiro, tendo o mesmo sucedido com *O Vício Absurdo*, de Cesare Pavese, em 1990, e com *O Circo*, de C. F. Ramuz, em 1991, outras duas edições com Rui Caeiro na tradução e/ou nas páginas introdutórias, tal como nos casos de *O Meu Suicídio*, de Henri Roorda, e d'*O Sapateiro de Van Gogh*, de Léon Filipe, ambos de 1993, ou de *Jack o Estripador*, de Robert Desnos, saído em Março de 2001. Por regra (exceptuo as situações em que Vitor Silva Tavares traduzia (com Célia Henriques), ou até o caso particular de *Mensagens Revolucionárias*, de Artaud, cuja tradução foi entregue por Silva Tavares a uma pessoa da sua proximidade, Manuel João Gomes), o *modus operandi* da &etc não passava por angariar tradutores para uma determinada carteira de títulos. De um modo geral, no que aos textos de língua estrangeira disse respeito, certos colaboradores da editora tomavam a iniciativa de apresentar propostas para tradução, ocupando-se depois desse empreendimento.

<sup>12</sup> Coube, de facto, a Ricarte-Dácio emprestar o exemplar para tradução, realizada a meias por Luiza Neto Jorge e Manuel João Gomes. Note-se, contudo, que o livro – cujos direitos de publicação, para a língua portuguesa, foram adquiridos às Éditions Gallimard pela &etc (para a edição, em Novembro de 2003, de *Cenas*, de Jacques Prévert, usou-se o mesmo procedimento) – esteve para ser traduzido por Paulo da Costa Domingos (a sua chamada para cumprimento do serviço militar obrigatório, no final de 1974, fez com que o texto de Artaud mudasse de mãos). Ainda assim, Costa Domingos traduzirá depois outros textos de Artaud (entre os quais, um contra o surrealismo), os publicados pela &etc em Novembro de 1988, também estes pela primeira vez em português.

dizer ao Forte que já comecei a nadar nas Cosmogonias do Poeta. Dentro de 1 ou 2 dias primeiro envio das pedras preciosas.

[...]

Assim que sair o número do Anarquismo lembra-te de mim!

Um abraço bem apertado para ti e para a Célia

Dácio

«Le groupe était une espèce de famille, dont je partageais les points de vue et les objectifs» – escreveu-o Éric Losfeld (1979: 54), podendo tais palavras, em grande medida, pertencer a Vitor Silva Tavares.

Aí o editor é como uma esponja. Aí eu sou como o Luiz Pacheco, ou como o Ribeiro de Mello, editor-editor e não empregado de escritório numa editora. [Vitor Silva Tavares, 29.03.2013].

Não teria ainda trinta anos quando tive conhecimento da pequena livraria,<sup>13</sup> a Terrain Vague. E sempre que ia a Paris ia lá.<sup>14</sup> Lembro-me de lá ver o Losfeld atrás da secretária, não raro com os butes em cima dela,<sup>15</sup> que era assim deste género, ou ainda pior... Quando entravam pessoas a saber disto ou daquilo, ele respondia rigidamente, do género «sei lá, procure!». Aí também houve uma grande aproximação com aquele maluco, arisco, que não servia para nada de livreiro [risos]. No entanto, nunca me apresentei como editor. Era um cliente que ia lá comprar coisinhas. E comprei bastantes coisas, também bilhetes-postais, coisas

<sup>13</sup> Aberta nos n.ºs 23-25 da rue du Cherche-Midi, em Maio de 1955, e transferida, no final de 1967, para os n.ºs 14-16 da rue de Verneuil.

<sup>14</sup> Também no rescaldo da revolta estudantil de Maio – em Outubro de 1968, Novembro de 1969 ou Março de 1971 (conforme averbamentos de entrada em França (Paris) inscritos no seu passaporte (emitido a 26 de Abril de 1968 e válido até 25 de Abril de 1973) – Arquivo &etc.

<sup>15</sup> Gesto que vi corroborado no testemunho do escritor francês Roger Rabinaux: «Lion de Flandres à la démarche de lévrier, florentin de style normand qui met les pieds sur la table pour faire croire qu'il a des varices alors qu'il lance un défi au mythe américain, martyr à la sauvette mais qui n'est pas sans vrais stigmates, bourgeois de Calais hésitant entre la bure et le tweed, entre le cilice et le whisky, Losfeld occupe dans la géographie littéraire de notre temps une place à part: celle d'un éditeur qui se voudrait d'abord comptable et combattant mais ne peut s'empêcher d'être à la fois poète et corsaire de cinéma, le tout dans un emballage viking dessiné par Salvador Dali et légendé par Topor» (*apud* Mallerin, 1977: 14).

assim. Tudo quanto lá estava interessava-me. Até para trazer literatura subversiva para Portugal. Que cheguei a trazer dentro de caixas de pensos higiénicos Modess, da minha mulher, porque a ela não lhe iam perguntar nada... e que eu dava depois ao António José Forte, ao Virgílio Martinho... Depois, claro, acompanhei os processos que foram movidos ao Losfeld, a questão da Barbarella, o processo com o livro de banda desenhada... O que parece impossível, em Paris, mas aconteceu. Tal como já tinha acontecido com o Pauvert, com o Sade... [Vitor Silva Tavares, 29.03.2013].

À cabeça, a admiração de Vitor Silva Tavares pela *Terrain Vague*, livraria e editora (1955) de Éric Losfeld, sem que esqueça o seu apreço pelas publicações surrealistas difundidas por outro editor (e livreiro), o francês José Corti (1895-1984),<sup>16</sup> ou pela obra de Jean-Jacques Pauvert. Não posso ignorar quais os autores que se auto-publicaram nas *Éditions Surréalistes*<sup>17</sup> (e, em paralelo, na revista *La Révolution Surréaliste*),<sup>18</sup> tendo Corti por difusor e intermediário comercial. Entre outros fundadores e seguidores do movimento, cujo epíteto (*surrealismo*) começara a circular em 1919, André Breton, Benjamin Péret (é dele o pequeno e violento livro de poemas *Je ne mange pas de ce pain-là*,<sup>19</sup> adágio caro a Silva Tavares, por ele tantas vezes repetido, referente que mobilizava discursivamente para afirmar a sua diferença ou independência no meio cultural, da edição literária, reivindicando-se assim herdeiro de uma determinada

<sup>16</sup> «Après 1950, les Éditions Surréalistes tombent dans l'oubli ou sont confondues avec les éditions José Corti. Dans ses *Souvenirs désordonnés (...-1965)*, José Corti affirme que durant les années trente il “incarnait” les Éditions Surréalistes. Dans les faits, il assumait, en tant que libraire, la charge de “dépositaire général” des Éditions Surréalistes et de plusieurs autres publications» (Sebbag, 1993: 9-10).

<sup>17</sup> Nascidas nos anos vinte do século transacto.

<sup>18</sup> Algum do espírito moderno da revista *Minotaure*, posterior, editada em Paris pelo suíço Albert Skira entre 1933 e 1939, veio também a estar consagrado na &etc. De menor pendor ideológico (bretoniano) que certas publicações surrealistas precedentes, tratou-se de uma revista multidisciplinar (artes plásticas, literatura, música, arquitectura, espectáculo, mitologia, psicanálise, etnologia) que sempre procurou conjugar as criações escrita e pictural. A título de curiosidade, atente-se que os seus treze números contaram sempre com capas desenhadas por artistas (Picasso, Duchamp, Miró, Dali, Matisse, Magritte, Ernst, Masson...), ou que, no número inaugural, saiu «Interprétation Paranoïaque-critique de l'Image obsédante “L'Angélus” de Millet», de Salvador Dali (prólogo do livro *O Mito Trágico de Angelus de Millet*, só em 1963 publicado, e por Jean-Jacques Pauvert).

<sup>19</sup> Reeditado por Éric Losfeld em 1969.

tradição),<sup>20</sup> Paul Éluard, Salvador Dali, Aragon, René Crevel ou Max Ernst. Todos eles, não obstante com textos diferentes dos publicados nas *Éditions*, integraram o catálogo da &etc<sup>21</sup> – a ela coube, paulatinamente, complementar a oferta editorial (em português) de títulos daqueles autores, apesar de não ter apostado na edição dos seus escritos mais afamados ou programáticos. Lembrem-se por exemplo que, em 1963, A Barca Solar, de Ernesto Sampaio, publicara *Uma Vida Inteira*, de Benjamin Péret; de Paul Éluard, por seu turno, já a Dom Quixote editara, em 1969, *Algumas das palavras*, numa tradução de António Ramos Rosa e Luiza Neto Jorge (depois a Editorial Presença, em 1971, fizera sair *Poemas Políticos*); de Aragon, que divergiu de Breton, vários eram os romances traduzidos por cá; textos de Dali encontravam-se igualmente disponíveis, mas não ainda esse monumento de humor intitulado *O Mito Trágico de Angelus de Millet* (texto que prova a fulgurância com que Dali entrou no grupo surrealista, e que Vitor Silva Tavares publicou na &etc<sup>22</sup> tendo por base uma edição que Mário Cesariny lhe emprestou).<sup>23</sup> Quanto a André Breton, chefe definidor do movimento surrealista, pertencera à Moraes, em 1969, a tradução dos seus *Manifestos...*, por Pedro Tamen; a Editorial Estampa, em 1971, publicara *O Amor Louco* e *Nadja*, com traduções, respectivamente, de Luiza Neto Jorge e de Ernesto Sampaio; no ano seguinte, com tradução de Franco de Sousa, a Estúdios Cor editaria *A Imaculada Conceção*, de Breton e Éluard (um dos livros das *Éditions Surréalistes*, de 1930), tendo a Afrodite apresentado, em Abril de 1973, *A Antologia do Humor Negro*, colectânea da lavra de Breton, vertida para a língua portuguesa por uma alargada equipa de tradução (a saber, Aníbal Fernandes, Ernesto Sampaio, Isabel Hub, Jorge Silva Melo, Luiza Neto

<sup>20</sup> «Les surréalistes honnissaient la stratégie individuelle de conquête des honneurs qui impliquait des arrangements, des pactes avec la presse, les grandes revues et les éditeurs. Ils lui opposaient une stratégie collective et morale» (Sebbag, 1993: 162).

<sup>21</sup> *Morte aos Chuis e ao Campo de Honra*, de B. Péret (1977); *Recreios Vagos a Boneca*, de P. Éluard (1982, série K); *Identidade Instantânea*, de M. Ernst (1983, série K); *A Cona de Irène*, de Aragon (1983); *Filhas do Vento*, de R. Crevel (1984, série K); *Martinica, Encantadora de Serpentes*, de A. Breton (1986, série K; além do seu texto que saiu junto com *Lenine*, de Trotski – 1976); *A Ovelha Galante*, de B. Péret (1993); *O Mito Trágico de Angelus de Millet*, de S. Dali (1998); *A Mulher 100 Cabeças*, de M. Ernst (2002); *Uma Semana de Bondade ou Os Sete Elementos Capitais*, do mesmo Ernst (2010).

<sup>22</sup> Em Março de 1998. Recorde-se que, de Dali, tinha Silva Tavares publicado, na Ulisseia, *Diário de um génio* (colecção *Documentos do Tempo Presente*, 1965).

<sup>23</sup> Será por indicação de Mário Cesariny que o surrealista brasileiro Sérgio Lima publicará na &etc (*Aluvião Rei (O Canto em Ladaínha Macia) – Conceição Vermelha*, livro impresso em Setembro de 1992, incluindo uma carta de Cesariny em *hors-texte*).

Jorge e Manuel João Gomes, o que permite aliás constatar as relações de afinidade que existiam entre responsáveis editoriais<sup>24</sup> no «*petit monde* dos agentes do livro» – Medeiros, 2012: 3) e agrupando uma plêiade de autores que, se ali unidos sob a expressão literária do humor – tão prezado pelos surrealistas, como atitude moral (Ristitch, 1933), como particular maneira de encarar a realidade –, seriam no futuro, catorze deles, objecto de edições autónomas (com outros textos, sublinho) na &etc: Jonathan Swift; D. A. F de Sade; Charles Fourier; Thomas de Quincey; Edgar Poe; Lewis Carroll; Rimbaud; Jarry; Picabia; Picasso; Kafka; Benjamin Péret; Prévert; Dali<sup>25</sup> (por aqui se vê como as antologias funcionavam como mostruários para muitos editores, espécie de *best of* onde descobriam autores publicáveis para futuro).

Ainda a propósito das *Éditions Surrealistes*, e antes de deixar um conjunto de notas sobre as editoras de Pauvert e Losfeld, há que pôr em evidência como certas das suas características objectuais, estéticas, acabaram por ser replicadas nos livros/brochuras produzidos pela &etc. Não falo do formato, por norma reduzido mas diverso («aucun modèle ne s'est imposé, aucune collection ne

<sup>24</sup> No caso, entre Silva Tavares e Ribeiro de Mello. Vários dos tradutores elencados tinham colaborado com Vitor Silva Tavares ora na *Ulisseia* ora no magazine e na revista &etc (e depois também nos livros que se seguiram). Qualquer um dos editores partilhava relações de amizade, vivia rodeado de gente que se movia no âmbito de actuação do outro (até 1973, o catálogo da Afrodite contou, por exemplo, com traduções de Luiza Neto Jorge e de Manuel João Gomes; n' *Antologia do Conto Fantástico Português* (1967), Ribeiro de Mello incluía um texto de Vitor Silva Tavares; dois anos depois, em 1969, o próprio Silva Tavares prefaciou a *Antologia do Conto Abominável*, editada pela mesma Afrodite (a capa fora entregue a Rocha de Sousa e a tradução a Aníbal Fernandes, ambos com trabalho produzido para a *Ulisseia* e para o magazine do Fundão, «recursos mútuos ao serviço da actividade editorial» – Medeiros, 2012: 4).

<sup>25</sup> Por ordem cronológica, alguns títulos ainda não referidos: *Teatro: O Desejo Agarrado pelo Rabo* seguido de *As Quatro Meninas*, de Pablo Picasso (1975); *Dissertação do Papa sobre o Crime*, seguida de *Orgia*, de Sade (1976); *Quadro Analítico de Corneação*, de Charles Fourier (1980, *contramargem*); *Proposta Modesta para Evitar Que os Filhos dos Pobres da Irlanda Sejam um Fardo para os Seus Países, ou o País, Tornando-se Úteis à Comunidade*, de Jonathan Swift (1980, *contramargem*); *Carta ao Pai*, de Franz Kafka (1983, *série K*); *Três Poemas e uma Génese*, de Edgar Poe (1985, *série K*); *O Vespão de Peruca*, de Lewis Carroll (1992); *Jesus Cristo Rastacuero*, de Francis Picabia (1994); *Cartas da Abissínia*, de Jean-Arthur Rimbaud (2000); *O Enterro do Conde de Orgaz* precedido de *Não Digas Mais do Que Não Digo de Rafael Alberti* e seguido de *Todas as Portas Abertas de Alejo Carpentier*, de Pablo Picasso (2001); *O Amor em Visitas*, de Alfred Jarry (2003); *Judas Iscariotes*, de Thomas de Quincey (2003); *Cenas*, de Jacques Prévert (2003).

s'est affirmée» – Sebbag, 1993: 191), ou da pequena tiragem,<sup>26</sup> traço que Vitor Silva Tavares já observara, por exemplo, nas publicações da Contraponto, algumas delas com um *layout* gráfico similar ao que era apanágio das *Éditions*. Centro a atenção na vertente plástica, artística, sempre presente no quinzenário &etc, e que continuou sendo uma componente tão identificativa dos livros editados por Silva Tavares quanto a sua matéria literária propriamente dita. «Chacun, pour sa propre art, est persuadé que l'autre lui apportera une révélation» (Sebbag, *ibid.*: 204) – a citação aplica-se à actividade colectiva surrealista, materializada em muitos dos volumes das *Éditions* (que reuniam um poeta e um pintor, texto e ilustração, lógica a que a revista *Minotaure* deu seguimento),<sup>27</sup> mas não menos a Vitor Silva Tavares, editor que nunca quis estabelecer qualquer tipo de hierarquia entre as dimensões escrita e imagética, antes pensando o livro enquanto todo estético,<sup>28</sup> onde a intervenção plástica (nas capas e *hors-textes* concebidos por diferentes criadores, muitos deles criando

<sup>26</sup> Oscilando entre os duzentos e os dois mil exemplares. No que concerne à &etc, com variações de tiragem ao longo dos anos, registou-se um intervalo mais curto, entre os quinhentos e os mil exemplares, por regra (apenas em casos pontuais, assim não foi – por exemplo, *Carta a Otelu* ou *Arbitrio* contaram com uma tiragem de trezentos; o título *A Fome de Camões*, com uma de mil e quinhentos; d'*A Cidade de Palagüin*, de Carlos Eurico da Costa, fizeram-se mil e cem cópias; enquanto d'*A Visita do Papa* e de *Mensagens Revolucionárias* saíram do prelo duas mil).

<sup>27</sup> Sobre o nascimento da *Minotaure* e doutras revistas modernistas, leia-se Julie Miracourt: «Le meilleur exemple pour illustrer l'atmosphère de l'entre-deux-guerres en France est l'émergence des revues avant-gardistes qui mélangent texte et image. Elles ont à la fois la capacité de «résonance», c'est-à-dire la possibilité de rendre compte d'une époque, et celle de révéler de nouveaux talents et de donner à lire la littérature de demain. Elles sont donc considérées comme l'épicentre d'un réseau et réclament la légitimation d'un milieu. [...] Ces revues ont connu un période florissante, sorte d'âge d'or, de l'entre-deux-guerres jusque dans les années cinquante, au même titre que la presse écrite. Nous constaterons aussi l'importance du travail de groupe, particulièrement entre les peintres et les écrivains. Ces périodiques deviennent alors l'occasion de créer un dialogue entre deux formes d'expression et d'enrichir le climat culturel» (Miracourt, 2011: 187).

<sup>28</sup> Na linha do que foi sustentado por Brigitte Ouvry-Vial: «La couverture, le format, le choix du papier, la mise en page sont non pas seulement ce «vêtement de la pensée», ajusté au texte et dont l'éditeur le revêt, mais un prolongement, un aboutissement de la lecture du texte. La forme visible et lisible qui en résulte entretient avec l'écrit un rapport déterminant de cadre et contexte de lecture d'une importance analogue à celle que Poussin accordait au cadre de ses tableaux dont il ne laissait à personne d'autre le soin de le choisir, considérant qu'il faisait partie de l'œuvre et en déterminait l'approche» (Ouvry-Vial, 2010: 97).

para esse efeito, partindo do texto a editar) e a intervenção artística da literatura eram uma e a mesma coisa<sup>29</sup> («gostava de fazer as capas, gostava de ir acompanhando a sua feitura, porque as achava belas e adequadas àquilo que estava a fazer» – VST, 19.12.2013). A configurar as edições &etc houve portanto influências extra-literárias, plásticas (nacionais e internacionais), a considerar também no cruzamento com a experiência de vida do editor. Ou seja, a ler à luz dos encontros que lhe proporcionaram tomar contacto com as publicações surrealistas referidas, não se devendo todavia esquecer o gosto que, em criança, ainda sem estar artisticamente socializado, Vitor Silva Tavares desenvolvera pela banda desenhada, de Walt Disney inclusive, ou por essa (sub)cultura de massas, nomeadamente americana, ligada ao universo dos super-heróis; isso lhe permitiu formar uma primeira emoção ou disposição estética. Mais tarde, na fase da juventude, mergulhado noutros ambientes e interesses, viria juntar-se a sua descoberta do primeiro modernismo português, de forte associação entre escritores e pintores (desse período, inúmeras foram as capas e ilustrações que ficaram no horizonte visual, no *museu imaginário* de Silva Tavares, realizadas por alguns dos principais artistas da época, os do grupo que colaborou no semanário humorístico e de actualidades *ABC a Rir* (1921-1922) – Jorge Barradas, Stuart Carvalhais, Almada Negreiros, Bernardo Marques, Leal da Câmara, Emmerico Nunes; das edições modernistas, terá, aos poucos, iniciado a assimilação do seu *código bibliográfico*, «the semantic aspects of a text's physical format – typography, page layout, book design, and the rest, [...] in distinction to the merely “linguistic code” of the words» – Bornstein, 2001: 36) ou a sua introdução às aventuras da vanguarda, da arte moderna, pictórica, mediante o acesso tido aos livros da editora Skira.

Alguns eram vendidos baratíssimos, em segunda ou terceira mão, aqueles mais pequeninos, no chão, ao lado do cinema Éden.<sup>30</sup> Havia aí uma livraria com tralhas e policiais, e lá os livros todos, Van Gogh, Matisse, Modigliani... isso tudo veio por esses livrinhos, por essas produções pequeninas,<sup>31</sup> que continham outras

<sup>29</sup> Como para Henri Matisse, «c'est la réunion de ces deux systèmes informatifs, le texte et l'image, que va donner au livre une forme plastique unique» (Koudriavsteva, 2007: 303).

<sup>30</sup> Situado na zona dos Restauradores.

<sup>31</sup> É provável que Vitor Silva Tavares se refira à série *Taste of our time*, iniciada por Albert Skira em 1953 (tinha Silva Tavares dezasseis anos). Cada uma das monografias dedicava-se a um só artista e, além de um texto de enquadramento e de uma curta bibliografia, continha várias pequenas reproduções, a cores, das suas pinturas (Cézanne, Gauguin, Klee, Manet ou Picasso foram outros dos artistas representados nessa colecção).

maneiras de ver, que já não mostravam a vaca a pastar à beira do rio. [Vitor Silva Tavares, 19.12.2013].

Impulsos e descobertas que depois, quando surgida a oportunidade de passar de admirador/consumidor a agente, ganharam explicitação no seu trabalho editorial.

Do interesse de Silva Tavares por Losfeld (do qual fez alarde em diversas ocasiões), o que dizer? Faço suas as palavras de Beatriz de Moura, directora das edições Tusquets (de Barcelona):

Voilà, Mr. Losfeld, je viens de créer une petite maison d'éditions en Espagne et, dans la mesure du possible, j'aimerais être là-bas ce que vous êtes ici.» [...] Son Terrain Vague plein de trésors été pour moi comme une espèce de tonique. [...] Avoir de l'imagination, concevoir l'édition comme une création, boire un pot avec ses auteurs dans le bistrot du coin, publier sans façons, selon ses propres désirs et affinités, des bouquins inattendus, parfois pas du tout convenables, pas du tout commodes et tout à fait impertinents [...], son indépendance obstinée, son esprit absolument hétérodoxe [...] (Beatriz de Moura *apud* Mallerin, 1977: 10).

Estava encontrado o modelo (representacional) de editor a seguir, editor-criador (com obra individual), editor cúmplice, cujo ofício, no caso de Losfeld, encaixava nesse paradigma da edição, prevalecente durante grande parte do século XX, como actividade de prestígio cavalheiresco, artisticamente nobilitada, «não poluída pelo elemento venal do negócio», uma vez que posta em prática pela figura (romântica) «do empreendedor audacioso e mecenas das letras colocado por auto-determinação ao serviço da cultura impressa e das suas luminárias» (Medeiros, 2009b: 33; 30); amigo de sentar-se à mesa com Breton, Péret, Max Ernst ou Prévert, Losfeld personificava o *gatekeeper de ideias*<sup>32</sup> (surrealistas,

<sup>32</sup>Na acepção de Lewis A. Coser (1975: 15): «Relations between producers of ideas and their consuming publics or audiences are typically mediated through social mechanisms that provide institutional channels for the flow of ideas. These channels, in turn, are controlled by organizations or persons who operate the sluice gates; they are gatekeepers of ideas inasmuch as they are empowered to make decisions as to what is let “in” and what is kept “out”. Understanding the function of gatekeeping and analyzing the factors that determine the gatekeepers’ decisions will hence give major clues about the ways in which cultural products are selected for distribution».

cinemáticas,<sup>33</sup> eróticas)<sup>34</sup> que assumia riscos, o editor de muita da literatura que não era financeiramente rentável, mas de que o próprio gostava (porque também causadora de desconforto intelectual, moral), o editor *maldito*, regularmente a braços com processos na Justiça<sup>35</sup> («tout ce qu'édite Éric Losfeld sort de l'ordinaire en claquant les portes»),<sup>36</sup> motivos suficientes para que o seu catálogo e atitude, «qui [...] avait le mérite de mettre en lumière la signification politique de son irréductible attachement à la liberté des moeurs et de l'expression littéraire, graphique ou cinématographique» (José Pierre *apud* Mallerin, *ibidem*: 11), fossem alvo de admiração, mesmo além-fronteiras. Em consequência, entre a &etc e Le Terrain Vague (a sucessora das edições Arcanes),<sup>37</sup> várias são as coincidências em termos de linha editorial – os textos de Péret (Losfeld editou-lhe toda a obra, donde *Mort aux vaches et au champ d'honneur*, impresso em 1953 e novamente em 1967, *La brebis galante*, em 1959) ou *Judas ou le Vampire Surréaliste* (1970), de Ernest de Gengenbach, são exemplos “losfeldianos” que Silva Tavares disponibilizou em português<sup>38</sup> (com tradução sua, no caso de Péret, e de Aníbal Fernandes, no de Gengenbach). Mas deve ainda assinalar-se uma outra realidade: uma vasta gama de autores incluídos no(s) catálogo(s) do editor belga apareceram também a pontuar o das edições &etc, apesar de Silva

<sup>33</sup> Além do surrealismo (e da banda desenhada), o cinema foi outra das áreas de interesse que partilhou com Silva Tavares, tendo aliás criado duas revistas especificamente dedicadas a essa forma de expressão (*Midi-Minuit Fantastique* e *Positif*).

<sup>34</sup> Paradigmáticas as edições de *Les Rouilles encagées*, de Benjamin Péret, de *Emmanuelle*, de Emmanuelle Arsan, ou de *Barbarella*, de Jean-Claude Forest (banda desenhada sobre a qual escreveu Vasco Granja, em Maio de 1968, para o &etc... do Fundão – n.º 15): «cette production lui vaut nombre d'interdictions e de procès, mais Éric Losfeld reconnaît avoir vendu par correspondance beaucoup d'érotiques imprimés clandestinement qui ont échappé aux regards de l'administration» (Parinet, 2004: 308).

<sup>35</sup> Éric Losfeld, no seu catálogo *Arcanes nouveautés/rééditions des succès* (n.º 7, Outono de 1971): «L'ordre moral, en dépit de sa propre logique, ne peut encore instituer en France un véritable régime de censure. Il se contente de frapper à la caisse pour tenter de réduire à sa merci, c'est-à-dire au silence, les petites maisons d'édition indépendantes. C'est ainsi que par le jeu combiné des procès – tant pour publication d'ouvrages libres que pour édition d'une revue politiquement subversive – et de l'intervention du fisc, les Editions du Terrain Vague ont été contraintes de verser à l'Etat la somme de six cent mille francs [...]».

<sup>36</sup> Frase impressa num dos seus catálogos.

<sup>37</sup> A partir de 1955, Losfeld avançará com o projecto *Le Terrain Vague*, abandonado que fora o das edições *Arcanes*.

<sup>38</sup> *Morte aos Chuis e ao Campo de Honra*, de B. Péret (1977); *A Ovelha Galante*, de B. Péret (1993); *Judas ou o Vampiro Surrealista*, de E. Gengenbach (1977).

Tavares quase nunca ter centrado a atenção nos mesmos trabalhos. Losfeld publica *Dits* (1960), de Francis Picabia, e Silva Tavares *Jesus Cristo Rastacuero*; Losfeld decide publicar o romance *Messaline e Le Surmâle*<sup>39</sup> (1977), ambos da autoria de Alfred Jarry, opta Silva Tavares por *O Amor em Visitas* (mestre do absurdo, estimado entre as hostes surrealistas, Jarry preencherá já as páginas do décimo sexto número da revista &etc, de 31 de Outubro de 1973); Losfeld publica *Alice racontée aux petits enfants* (1969), de Lewis Carroll, e Silva Tavares *O Vespão de Peruca*; Losfeld publica *Bonjour M. Lear* (1960), de Edward Lear, e Silva Tavares *Learicks*, em 2005; Losfeld publica as gravuras de *Les songes drôlatiques de Pantagruel* (1959), de François Rabelais, e Silva Tavares *Pantagruel*; Losfeld publica *Jours tranquilles à Clichy* (1967), ou a *plaque L'obscénité et la loi de la réflexion* (1971), de Henry Miller, ao passo que Silva Tavares dá à estampa *Ler na Retrete* (na colecção *contramargem*, em 1981) e depois, em 1983, *Reflexões sobre a morte de Mishima* (na *série K*),<sup>40</sup> Losfeld publica *Vie et mort de Satan le Feu* (1953), de Antonin Artaud, e Silva Tavares oito diferentes textos do mesmo autor<sup>41</sup> (*Para Acabar de Vez com o Juízo de Deus* veio por exemplo enquadrar o surgimento do primeiro livro de Paulo da Costa Domingos); Losfeld reedita *3 filles... et leur mère*, de Pierre Louÿs (1960), entregando-se Silva Tavares (ou Aníbal Fernandes, melhor dizendo) a *Manual de Civilidade para Meninas, destinado às escolas*. Descrevendo isto (ou percorrendo, em alternativa, certas das referências autorais<sup>42</sup> que constam na maquete

<sup>39</sup> *O Super Macho*: livro que a Afrodite publicaria, dois anos antes, em Portugal, com tradução de Luiza Neto Jorge.

<sup>40</sup> Tendo ainda estado prevista a publicação d' *O Tempo dos Assassinos*, do mesmo Miller – texto editado pela Hiena (de Rui Martiniano) em 1985, com tradução, sob pseudónimo, de José Miranda Justo. A ideia de traduzir esse texto terá sido «transferida» para a Hiena por um Aníbal Fernandes prestes a «desligar-se» da &etc. Ao limite, poderá entender-se o catálogo da Hiena como uma espécie de continuação da *série K* (ainda que doseado com outros autores, fruto do universo de leituras de Martiniano), contando com um grande número de traduções da autoria de Aníbal Fernandes (editor-sombra).

<sup>41</sup> *Mensagens Revolucionárias* (em 1980), *Van Gogh, o Suicídio da Sociedade* (*série K*, 1983), *Em Plena Noite ou o Bluff Surrealista* seguido de *2 Cartas sobre o Ópio e O Suicídio* (1988), além dos já referidos *Para Acabar de Vez com o Juízo de Deus* seguido de *O Teatro da Crueldade*. Note-se que juntamente com escritores como Henri Michaux, Georges Bataille ou Henry Miller, que influenciaram a perspectiva abjeccionista, Artaud foi outro dos que reivindicou «uma essencial marginalidade» (Guimarães, 2004: 143).

<sup>42</sup> [1929 – Max Ernst, *La femme 100 têtes*] (editado pela &etc); [1934 – Max Ernst, *Une semaine de bonté*] (editado pela &etc); [1947 – André Breton, *Ode à Charles Fourier*] (editado por Ernesto Sampaio n'A Barca Solar); [1948 – Artaud, *Pour en finir avec le jugement de*

do livro *Les Éphémérides du Surréalisme 1913-1968*,<sup>43</sup> iniciativa de Éric Losfeld e Gérard Legrand que não chegou a ver a luz do dia),<sup>44</sup> fica claro como a lógica de escolhas e gostos do editor da *Terrain Vague*, na órbita de um repertório surrealizante e dadaísta, marcou a prática editorial de Vitor Silva Tavares à frente da &etc (não por acaso o texto “Morreu Losfeld, viva o Vitor!”, de Eduardo Guerra Carneiro),<sup>45</sup> não sem que o tenha ajudado a consolidar uma determinada imagem de si, de agente cultural inconformado, como se unido a Losfeld por uma mesma visão do mundo, por uma mesma matriz intelectual, por um mesmo *habitus* profissional (justifica-se enxertar aqui o seguinte depoimento de Maurice Nadeau:

À toute époque il existe des éditeurs qui n'ont pas pour premier souci de tirer profit de la singulière marchandise en quoi se transforme la production des écrivains, des penseurs, des poètes. Publier ceux qu'ils aiment, font connaître, aident à l'occasion, constitue pour eux une forme d'expression, la plus humble sans doute, mais irrépressible: Poulet-Malassis pour Baudelaire, Alfred Valette pour Jarry, Simon Kra pour les jeunes surréalistes. Dans cette troupe peu nombreuse, Éric Losfeld a pris place. Il n'est que de consulter le catalogue du «Terrain Vague» pour se demander si beaucoup des auteurs qu'il a publiés auraient pu l'être par d'autres, aux noms et aux labels interchangeables (*apud* Mallerin, 1977: 63).

Mas refira-se ainda (sem ignorar que Silva Tavares, quando começa a produzir livros, tinha já conhecimento doutra aventura nascida com um grande

*Dieu*] (editado pela &etc); [1949 – Benjamin Péret, *La brebis galante*] (editado pela &etc); [1953 – B. Péret, *Mort aux vaches et au champ d'honneur*]; (editado pela &etc); [1961 – Bruno Schulz (*Traité des mannequins*) e Frantz Fanon (*Les damnés de la terre*)] (o primeiro editado por Silva Tavares na &etc, em 1983, na *série K*, o segundo na Ulisseia); [1962 – Georges Bataille, *Les larmes d'Éros*] (editado pela &etc).

<sup>43</sup> Por mim consultado na biblioteca do IMEC – Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine (L'Abbaye d'Ardenne, comuna Saint-Germain-la-Blanche-Herbe, França).

<sup>44</sup> Pretendia-se com o livro em causa, pensado no início da década de 1970, organizar uma história (ilustrada) do movimento surrealista, ano a ano, cruzando-o com momentos-chave do *monde extérieur*. De particular interesse na maquete que pude folhear, as medições de distâncias entre imagens, a composição com colagens, as indicações de paginação («attention toile de 50», «fond textes couleur» ou «bon sens du tableau, voir signature»), o que denota como Losfeld era também um artífice no que concerne à produção dos livros.

<sup>45</sup> In *Portugal Hoje*, 25 de Novembro de 1979.

idealismo, da actividade da pequena livraria e editora dinamizada por Lawrence Ferlinghetti – a *City Lights (Books)* – que, em São Francisco, pelas décadas de 1950/60, lançara e promovera a geração dos escritores *beat*, não sem censura),<sup>46</sup> a figura de Pauvert, outra «bitola pela qual medir o trabalho de um editor [que se quisesse] arrojado» (Marques, 2013: 68-69). Para os que se moviam, desde há muito, nos mesmos círculos culturais do editor da <sup>&</sup>etc, a admiração pela carreira editorial do francês, pela liberdade da sua linha de conduta (algo que lhe valeu repetidos processos judiciais), era consensual: coubera-lhe também a ele divulgar uma *outra* literatura, dissidente, surrealista, libertária («il réédite des auteurs qui ont refusé de se soumettre aux injonctions du pouvoir étatique, de la morale dominante ou des modes intellectuelles» – Parinet, 2004: 307), à qual Silva Tavares e a rede de pessoas à sua volta (amigos e colaboradores) aderiram,<sup>47</sup> tendo a <sup>&</sup>etc avançado para a tradução de textos que lhe

<sup>46</sup> «On March 25, 1957, Chester MacPhee, collector of customs, saying “The words and the sense of the writing is obscene” and “you wouldn’t want your children to come across it” ordered 520 copies of *Howl and Other Poems* [de Allen Ginsberg] seized. Ferlinghetti wasn’t taken by surprise. Before the manuscript had even gone to the printer, suspecting trouble, he had contacted the American Civil Liberties Union and asked if they would defend it in court, if need be. On April 3 they told MacPhee and customs that they did not consider the book obscene and would contest the seizure. Meanwhile, Ferlinghetti made arrangements to have an entire new photo-offset edition of *Howl* printed within the United States, thus circumventing customs» (Silesky, 1990: 69).

<sup>47</sup> Outra carta de Ricarte-Dácio (enviada de Paris a Vitor Silva Tavares, em 19 de Janeiro de 1975) mostra inclusivamente que foi ele (Dácio) quem estabeleceu contactos com um responsável pelo catálogo da Pauvert com vista à negociação de direitos de publicação de dois dos seus títulos (*As lágrimas de Eros e Martinica, Encantadora de Serpentes*): «Querido Victor, julgo que já tenhas recebido carta da Gallimard e do Pauvert. A amiga do Gonzalez foi simpatiquíssima pedindo 5% do preço de capa. Tenho na minha posse (entregues pela Gallimard) os 2 Picassos + os 2 Tomos de Artaud que inserem os textos que desejas publicar. Lá tos levo. [...] Quanto aos senhores da Pauvert prevejo grande ataque à bolsa das Publicações Engrenagem. Explico. Há mais de um ano corria o boato que J. J. P. estava falido, tendo a sua sociedade sido adquirida (em maioria) por capitais (não sei qual a proveniência) dispostos a rentabilizar a Casa! [...] Fui recebido por um jovem e dinâmico tecnocrata [...] ao qual expliquei a razão de ser e de estar na vida de ti, da tua editora, dos teus amigos e colaboradores. Ouviu-me em grande distração dizendo apenas que uma tiragem de 1.000 exemplares não era grande coisa [o que demonstra a dificuldade de comprar direitos à época por parte das editoras que, em Portugal, faziam tiragens pequenas]! Expliquei-lhe que para além do facto [...] do mercado aí ser necessariamente restrito, de momento as coisas ainda mais se complicavam devido ao público [...] estar sedento de textos políticos. 50 anos de Ditadura, Obscurantismo, etc., etc. Daí poder-se concluir do grau de autêntica heroicidade durante o corrente ano que

integraram o catálogo (de Georges Darien, Sade, Péret, René Crevel, Dali, Georges Bataille ou André Breton – *As lágrimas de Eros*, de Bataille, e *Martinica, Encantadora de Serpentes*, de Breton, saem na segunda metade dos anos 80, na *série K*), vários deles, como se vê, de autores da simpatia de Losfeld.

Em jeito de conclusão, sublinhe-se que o catálogo da &etc foi sinuoso, sendo difícil detectar nele uma linha programática coerente do início ao fim. Somou, como se viu, determinadas obras de autores estrangeiros, na sua grande maioria franceses (ultrapassou os quarenta títulos), privilegiados, em termos de publicação, face aos de proveniência anglófona ou espanhola, mesmo se também estas escritas, cobrindo uma grande amplitude de épocas, estilos e temáticas, são, logo de seguida, e pela ordem enunciada, as que mais protagonismo têm no conjunto de traduções a que se abalançou a editora (alguns exemplos: Jonathan Swift, Walt Whitman, Oscar Wilde, D. H. Lawrence, Henry Miller, Richard Connell, Patti Smith,<sup>48</sup> Quevedo, Miguel de Unamuno, León Filipe, Ramón Gómez de la Serna, Federico Garcia Lorca).<sup>49</sup> Serve isto para frisar um aspecto normalmente obliterado nos estudos sobre a cultura, latamente considerada: a influência exercida pelas culturas estrangeiras sobre

implica a publicação de textos de Bataille e Breton os quais serão de venda morosa e difícil. Após este meu bla-bla-bla o jovem arganaz apenas disse que te iria escrever, enviando-te directamente os textos em conjunto com as tabelas da Casa. Tremo a esta hora em que te escrevo pela tua saúde após leres os preços pedidos! Fiquei com a impressão que seriam avultados. Ele não mos revelou e eu não quis insistir. [...] Põe-te a pau com eles, pois fiquei com a impressão que o Pauvert está nas garras de indivíduos com a alma típica dos penhoristas. Duros como granito. Ainda a respeito de edições, traduções, etc., tive uma ideia que, conciliando nobreza de propósitos (!) a eficácia financeira (!), será porventura capaz de despejar largos dobrões de reluzente oiro nos cofres da editora ETC!!! Caramba! E esta? [...] Impõe-se fazer um esforço para publicar textos capitais – ditos literários, completamente desconhecidos entre nós, sem que isso te atire de mergulho para uma catástrofe financeira» (Arquivo &etc).

<sup>48</sup> *Cântico da Estrada Larga* – W. Whitman (1987); *O Retrato do Sr. W. H.* – O. Wilde (1984); *Pornografia e Obscenidade* precedido de *Reflexões sobre a Morte de um Porco-Espinho* – D. H. Lawrence (*série K*, 1984); *Zaroff (O Jogo Mais Perigoso)* – R. Connell (*contramargem*, 1981).

<sup>49</sup> *Graças e Desgraças do Olho do Cu* – Quevedo (*contramargem*, 1981); *Portugal – Povo de Suicidas* – Unamuno (1986); *Seios* – R. G. de la Serna (1999); *Suicídio em Alexandria* (*série K*, 1981), *O Passeio de Buster Keaton e outros textos* (*série K*, 1984 – de notar que *O Passeio de Buster Keaton* começara a ser traduzido ainda no âmbito do &etc...do Fundão, tendo ocupado a folha de rosto do último n.º, o 26, de 11 de Abril de 1971) e *Ode a Walt Whitman* (1987) – Lorca.

um dado contexto, neste caso periférico, como o português;<sup>50</sup> note-se que a estada de Cesariny em Paris, o facto de Luiz Pacheco falar fluentemente francês e não inglês, ou de Vitor Silva Tavares e Aníbal Fernandes<sup>51</sup> terem assentado parte substancial da sua formação intelectual na leitura de obras e revistas culturais francófonas,<sup>52</sup> tal como aliás sucedeu com tantos outros a quem estiveram unidos geracionalmente, ilustram o fascínio, a empatia cultural que todos eles sentiam por França – em indivíduos como Silva Tavares ou Aníbal Fernandes, não só mas muito por força do surrealismo ou dos autores que os seus apaniguados prezavam –, país cuja língua oficial ainda não tinha perdido a sua imposição na Europa, a sua universal condição.

### Referências bibliográficas

- BAUDET, Colette (1986). *Grandeur et misères d'un éditeur belge: Henry Kistemaeckers (1851-1934)*. Bruxelles: Éditions Labor.
- BORNSTEIN, George (2001). *Material Modernism. The Politics of the Page*. Cambridge/New York: Cambridge University Press.
- CAMEIRA, Emanuel (2013). A &etc e a indústria cultural. In AA.VV, &etc. *Uma editora no subterrâneo* (pp. 85-91). Lisboa: Livraria Letra Livre.
- CAMEIRA, Emanuel (2020). Toward a Sociology of a Singularity in the Book World: Vitor Silva Tavares and his &etc Publishing House (1974-2015). *Information, Medium, and Society: Journal of Publishing Studies*, vol. 8, n.º 1, pp. 14-24.

<sup>50</sup> Maria de Lourdes Lima dos Santos, por exemplo, desenvolveu trabalho nesse campo, nomeadamente a propósito do mercado do livro no século XIX: «[...] há que distinguir, pela particular posição que ocupavam no nosso mercado do livro, os editores de origem francesa que aqui se tinham estabelecido e que dispunham, em princípio, de um maior conhecimento do mercado livreiro de França, de uma maior facilidade de contactos com as casas editoras desse país e também, em regra, de uma mais longa experiência no ramo, a qual, frequentemente, remontava aos meados do século XVIII. [...] Os editores de origem francesa constituíram uma das vias, cremos que a mais importante, através das quais foi canalizado o afluxo do livro francês ao mercado nacional» (Santos, 1985: 196-197).

<sup>51</sup> «Estávamos sempre muito atentos ao que estava... ao que saía lá. Eu hoje sei muito menos do que está a ser publicado em França, do que numa altura em que, mesmo em Luanda, eu sabia de semana a semana o que é que saía lá» [Aníbal Fernandes, 28.02.2014].

<sup>52</sup> Repare-se como até no que diz respeito aos «2 Picassos» (*Teatro: O Desejo Agarrado pelo Rabo* seguido de *As Quatro Meninas*) a que aludiu Ricarte-Dácio numa das suas cartas, a edição considerada para tradução foi a da francesa Gallimard.

- CORPET, Olivier / WAGNEUR, Jean-Didier (1991). *Évaluation qualitative de la production des «petits éditeurs»* (rapport final). Paris: IMEC Éditions.
- COSER, Lewis A. (1975). Publishers as Gatekeepers of Ideas. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, n.º 421, pp. 14-22.
- DURAND, Pascal / GLINOER, Anthony (2005). *Naissance de l'Éditeur – l'édition à l'âge romantique*. Paris/Bruxelles: Les Impressions Nouvelles.
- GUIMARÃES, Fernando (2004). *Simbolismo, Modernismo e Vanguardas*. Lisboa: INCM – Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- KOUDRIAVSTEVA, Olessia (2007). L'espace plastique du livre: autour de *Jazz* de Matisse. In Minon, Alain / Perelman, Marc (dir.), *Le livre et ses espaces*. Paris: Presses Universitaires de Paris 10, pp. 301-316.
- MATTUCELLI, Danilo (2006). *Forgé par l'épreuve. L'individu dans la France contemporaine*. Paris: Armand Colin.
- MEDEIROS, Nuno (2009a). Acções prescritivas e estratégicas: a edição como espaço social. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 85, pp. 131-146.
- MEDEIROS, Nuno (2009b). Cavalheiros, mercadores ou centauros? Traços de actividade e sentido de si dos editores. In AA.VV., *Comunidades de leitura. Cinco estudos de sociologia da cultura* (pp. 23-61). Lisboa: Edições Colibri.
- MEDEIROS, Nuno (2012). João Romano Torres e C.ia: hermenêutica social de uma editora, Texto apresentado na Escola São Paulo de Estudos Avançados sobre a Globalização da Cultura no Século XIX, Universidade Estadual de Campinas (Brasil), 22.08, 4 p. URL: <http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/2193/1/Jo%C3%A3o%20Romano%20Torres%20e%20Cia.pdf>.
- MIRAUCCOURT, Julie (2011). Michel Leiris et les revues modernistes: Surréalisme, Ethnographie et Politique. In Aij, Hélène / Mansanti, Céline / Tadié, Benoît (dir.), *Revues modernistes, revues engagées (1900-1939)* (pp. 185-196). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- OUVRY-VIAL, Brigitte (2010). Jean Paulhan et Gaëtan PICON, des éditeurs entre tradition et transmission. In Ouvry-Vial, Brigitte / Réach-Ngô, Anne (eds.), *L'Acte éditorial. Publier à la Renaissance et aujourd'hui* (pp. 89-122). Paris: Éditions Classiques Garnier.
- PARENT, Sylvain (2004). Entretien avec Arlette Farge. Propos recueillis par Sylvain Parent. *Tracés. Revue de Sciences humaines*, n.º 5, Primavera, pp. 143-148.
- PARINET, Élisabeth (2004). *Une histoire de l'édition à l'époque contemporaine (XIX<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle)*. Paris: Éditions du Seuil.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (1985). As penas de viver da pena (aspectos do mercado nacional do livro no século XIX. *Análise Social*, XXI, n.º 86, pp. 187-227.

SERRY, Hervé (2012). Comment et pourquoi les éditions du Seuil refusèrent-elles Samuel Beckett?. *Littérature*, n.º 167, pp. 51-64.

## Fontes

AREAL, António (1970). *Textos de crítica e de combate na vanguarda das artes visuais*. Lisboa: Edição do Autor.

CARNEIRO, Eduardo Guerra (1979). Morreu Losfeld, viva o Vitor!”. In *Portugal Hoje* (Roteiro Artes & letras, sociedade & quotidiano), 25 de Novembro.

LOSFELD, Éric (1979). *Endetté comme une mule ou la passion d'éditer*. Paris: Pierre Belfond.

MALLERIN, Daniel (1977). *La légende du Terrain Vague – «Éditer, c'est aussi créer»*. Paris: Le Dernier Terrain Vague.

MARQUES, Pedro Piedade (2013). Uma exclusiva irmandade de piratas poéticos. In AA.VV., *etc. Uma editora no subterrâneo* (pp. 68-72). Lisboa: Livraria Letra Livre.

MARTINHO, Virgílio (1991). Palavras sobre um poeta. In AA.VV., *Boletim – Sindicato dos Encarregados e Ajudantes de Bibliotecas de Portugal* (n.º de homenagem a António José Forte) (p. 6). Lisboa.

PACHECO, Luiz (1979). O Galimar da Rua da Emenda. In Pacheco, Luiz, *Textos de Guerrilha* (1.ª série) (pp. 45-48). Lisboa: Ler Editora.

RISTITCH, Marco (1933). L'humour, attitude morale. *Le Surréalisme au service de la révolution* (dir. André Breton), n.º 6, Paris, Librairie José Corti, pp. 36-39.

SEBBAG, Georges (1993). *Les Éditions Surréalistes 1926-1968*. Paris: IMEC Éditions.

SILESKY, Barry (1990). *Ferlinghetti – the artist in his time*. New York: Warner Books.

TÍTULO: A função editorial na &etc de Vitor Silva Tavares: escolhas, afinidades e protagonismos em matéria de publicação de autores estrangeiros

RESUMO: Tomando por objecto a &etc de Vitor Silva Tavares (1937-2015), procura-se neste artigo dar a conhecer um particular modo de pôr em prática a função editorial, à qual subjaz, historicamente, um estatuto e um valor profissional colectivos. Mais particularmente, trata-se de explicitar os mecanismos contextuais, electivos ou relacionais que estiveram na base da escolha de vários dos textos em língua estrangeira que a &etc traduziu e deu a conhecer, em primeira mão, e ao longo das suas quatro décadas de actividade, ao público leitor português.

TITLE: The publishing function at Vitor Silva Tavares' &etc: choices, affinities, and dynamics regarding the publication of works by foreign authors

ABSTRACT: Taking &etc – Vitor Silva Tavares's (1937-2015) publishing house as my object of enquiry, this article seeks to draw attention to a particular way of practicing the publishing function, historically founded on a particular collective status and professional value. I intend more specifically to explain the contextual, elective, or relational mechanisms underlying the choice of several of the foreign texts that &etc translated and firstly revealed to the Portuguese reading public throughout its four decades of activity.

